

## Editorial

Dando continuidade à proposta de estimular o intercâmbio intelectual com nossos pares alemães, o novo número dos *Cadernos de Filosofia Alemã* começa com um artigo de Margit Ruffing, da Johannes Gutenberg Universität Mainz, que esteve no Brasil no ano passado, participando de colóquios em Marília, São Carlos e São Paulo. Propondo-se a trabalhar as tensões da filosofia schopenhaueriana, o seu texto analisa tanto a teoria do conhecimento como a relação entre ética e estética, procurando mostrar em que medida tais tensões não só não comprometem, como acabam por ser necessárias ao sistema schopenhaueriano.

No segundo artigo, Adelino Braz, doutor em filosofia pela Universidade de Paris I, analisa a hipérbole kantiana do povo de demônios no intuito de mostrar como o direito permite estabelecer a sociabilidade civil sem ter de eliminar o mal radical. Embora positiva, neste sentido, a autonomia do direito, o texto de Braz sugere que o direito acaba por ter, de um ponto de vista mais geral, a função intermediária de preparar-nos para o advento de uma comunidade ético-civil, o que somente seria possível com a concordância também interior de nossas ações com a lei moral.

O texto seguinte é do argentino Daniel Lessere, pesquisador do CONICET/Buenos Aires, que também esteve no Brasil no ano passado, participando de um colóquio na USP, e tematiza a questão da linguagem na *Crítica da razão pura*, mais especificamente na *Analítica dos Conceitos*. Procurando mostrar como a questão da linguagem seria essencial nesse texto kantiano, Lessere se posiciona assim contra aqueles – sabidamente numerosos – que vêem em Kant um filósofo que não se teria preocupado suficientemente com a linguagem, o que implicaria a sua inatualidade face à virada linguística.

Rúrion Soares Melo, doutor em filosofia pela USP, é quem assina o quarto texto deste número, cujo tema é o conceito de político em Marx. Percebendo um gradativo enfraquecimento desse conceito na obra do filósofo alemão, Melo propõe uma recuperação do sentido dado a ele nos seus textos de juventude, permitindo assim uma reatualização mais frutífera da obra marxiana, no contexto da teoria crítica, com vistas a pensar questões políticas da atualidade.

O último artigo do número, enfim, trata da questão da música em Schelling. Assinado por Fernando de Moraes Barros, professor da Universidade Federal do Ceará, esse texto procura mostrar o caráter inovador do pensamento schellinguiano no que diz respeito à música, vista por ele, na qualidade de “arte dos sons”, como uma nova e importante forma de saber – o que abriria caminho para reflexões como as de Schopenhauer e do primeiro Nietzsche em torno do papel da música como forma privilegiada de interpretação do mundo.

Dando continuidade também à proposta de favorecer a reflexão e o diálogo sobre a língua alemã, através da tradução de textos clássicos, este número traz a tradução, feita e apresentada por Bruno Nadai, do texto *Começo conjectural da história humana*, de Kant. Trata-se de um opúsculo bastante peculiar do filósofo de Königsberg, já que adota a Bíblia como “mapa” para estabelecer essa gênese conjectural das disposições humanas fundamentais. Como a apresentação de Nadai procura mostrar, porém, não se trata de uma recaída teológica ou algo do tipo, mas apenas o recurso a um texto da história humana cuja simbologia seria indicativa de momentos decisivos da evolução da razão.

O número se encerra então com uma resenha de Ernani Chaves, da Universidade Federal do Pará, sobre o livro *Shakespeare, o gênio original*, de Pedro Süsskind. O professor Ernani Chaves procura mostrar que não se trata apenas de mais um livro sobre o grande dramaturgo inglês, mas antes a reflexão, a partir do caso de Shakespeare, sobre a questão tipicamente filosófica – e tipicamente alemã – do gênio ou, no caso, do “gênio original”.

E a menção a essa forma de abordar o autor clássico acaba por fornecer-nos um bom mote para o encerramento deste editorial: sob a variedade de perspectivas contidas nos textos aqui apresentados ao leitor, é possível perceber esse mesmo intuito reflexivo, a guiar-nos na leitura dos clássicos alemães. Pois trata-se, segundo o espírito destes *Cadernos*, não de reconstruí-los segundo a letra do texto, mas sim de neles procurar questões, conceitos e ângulos de reflexão capazes de iluminar também as nossas mais pungentes indagações contemporâneas.